

Retorno à normalidade

Carlos Reis*

Depois da maior e mais prolongada recessão da história do Brasil, parece que as coisas voltam lentamente ao normal. Paulatinamente, mas de forma persistente, as taxas de inflação declinam. E começam a aparecer sinais de uma retomada do processo de desenvolvimento.

São notícias ainda esparsas mas confortadoras. Ora se lê que a nova safra ativa os negócios e que podem faltar caminhões em algumas regiões do Brasil. Ou se vê a notícia de que o volume de pedido para créditos Finame no BNDES está superando as previsões. A indústria de construção naval não mais dispensa gente e, mercê de pedidos de exportação, considera a hipótese de voltar a contratar operários. Voltam a ser anunciados investimentos novos — ainda muito poucos — mas, o que é importante, novos, como o início das obras da Ferronorte ou a nova fábrica de celulose Celmar, no Maranhão.

A inflação ainda está muito alta e a recessão ainda muito profunda, e os sinais de que ambas estão perdendo a força nada mais são do que leves indícios. Mas estes leves indícios estão aí, qual a proverbial luz no fim do túnel.

Enquanto a luz no fim do túnel não se transformar em dia luminoso, as elites empresariais e políticas devem se preparar para tirar o maior proveito das novas oportunidades que vão surgir, bem como se cercar de cautelas para que o caldo não entorne, e não nos frustremos mais uma vez. Nunca é demais repetir que pacotes e soluções mágicas só atrapalham, e que o verdadeiro progresso só é fruto de trabalho honesto, eficiente, sério e persistente. Que o resgate da dívida social não se faz sem o aumento da produtividade, e

que esta não aumenta sem substanciais melhorias na educação do povo, em todos os níveis.

A volta à normalidade da economia brasileira parece que se fará de maneira lenta e gradual, para tranquilidade de nosso empresário escaldado de mudanças bruscas. O estilo do ministro Marcílio, no particular, é tranquilizador. E isto dará tempo para que planejemos nossos investimentos com calma e cuidado, em função da próxima retomada do crescimento. Aliás, a simples atualização tecnológica de nosso parque produtivo já exigirá muitos investimentos, independentemente do crescimento do mercado. Sendo esta talvez a principal causa do aquecimento da procura por créditos Finame.

Mas outras formas de investimentos também irão se fazer necessárias, e quem sair na frente certamente levará vantagem. Já existem condições objetivas de usar as bolsas de valores para levantar novos capitais, e um surto de novas emissões deve começar a qualquer momento, dando às bolsas de valores aquilo que é a sua principal função: levantar recursos para financiar de forma não inflacionária o processo de desenvolvimento econômico.

Esperamos que o retorno à normalidade, por lento e gradual que seja, não demore demais. Que tenhamos logo taxas de juro de primeiro mundo, e que o sistema financeiro volte a apoiar a produção, e não a política monetária ou o déficit público. Certamente, o empresário brasileiro que sobreviveu à recessão e aos pacotes loucos é um lutador de respeito, cujo desempenho será uma grata surpresa para todos, quando retornar a normalidade.